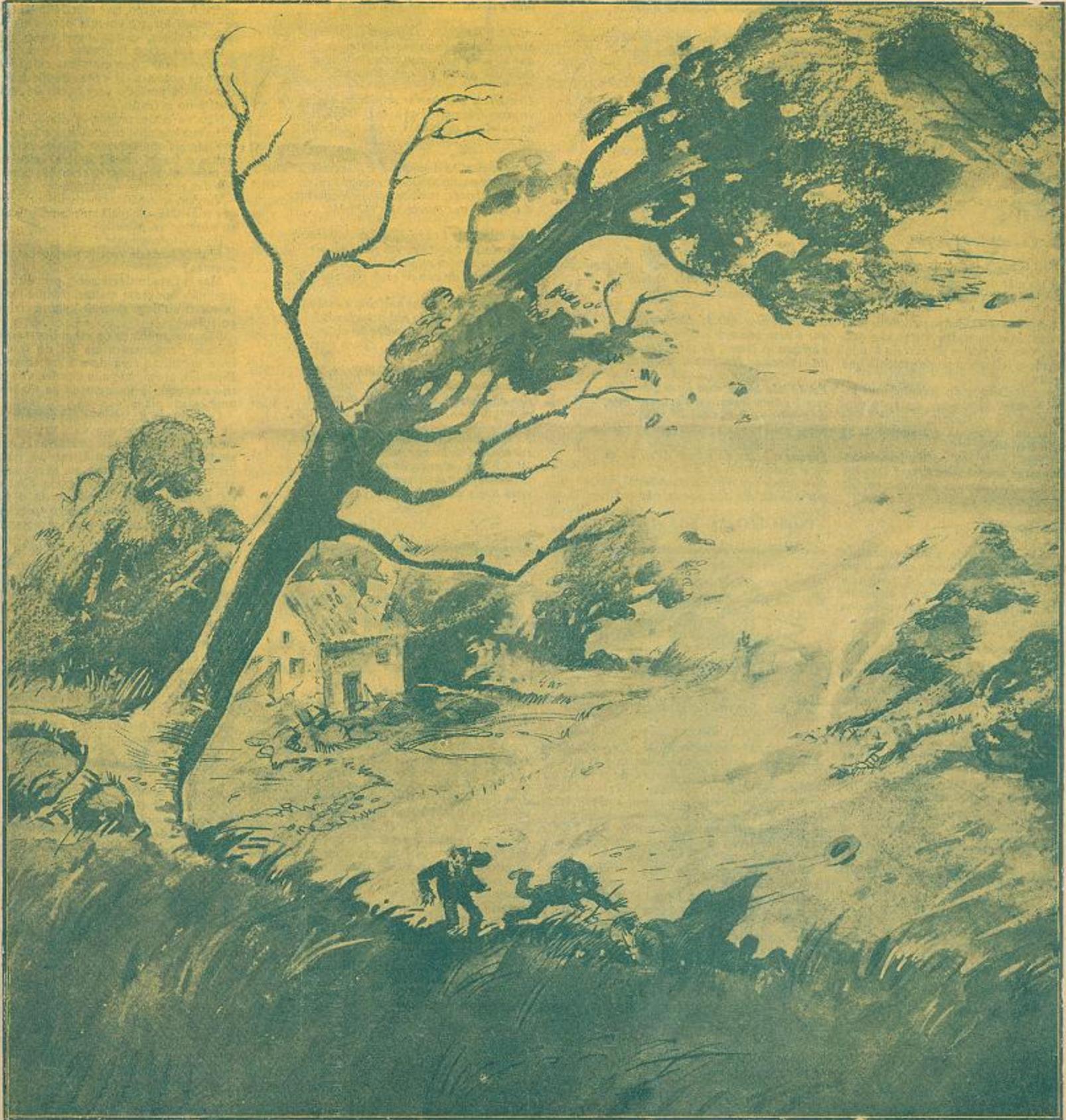
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes
ANO II - NUMERO 90 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V - 18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEXTOS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

O TUFÃO QUE ANDA PERDIDO NO MUNDO!

Na Metropole; nas ilhas, em Macau, um tufão, que os homens de sciencia classificam como sendo o mesmo, produz estragos formidaveis. Quando tomará pressão normal a enorme massa de ar?

DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 3 DE OUTUBRO DE 1926 — N.º 90

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — R. D. Pedro V, 18 — Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO — EDITOR JULIO MARQUES — IMPRESSÃO — R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

O homem bonito

Morreu um galã de cinema chamado Rudolfo Valentino. Teve fortuna e teve gloria. O seu funeral mobilisou uma capital. Razão? Era belo. Tinha arte? Tinha beleza. As mulheres idolatravam-no. A sua «mirada» perturbava as mais castas.

Que importa que sabios profundos queimem as pestanas durante eternidades para salvar o mundo, se outros homens, menos sabios, as pintam e com elas o perdem?

O Camarão

No dia em que Santa Camarão chegou a S. Paulo o comercio fechou as portas para o esperar.

O' matematicos, não fazei mais calculos, ó artistas, não soirei mais a tortura dos vossos sonhos alados e quimericos!

Um excelente par de sôcos, uma cara de pau, um passado de carregador de alfandega—e a gloria será vossa!

Encargos insuportaveis

Qualquer pequena industria morre afogada em Portugal no mar de impostos lançados.

Para os jornais agora inventou-se o imposto das bibliotecas.

Somos obrigados a enviar o periodico para todas as bibliotecas nascidas e que vão nascendo. Agora, com os portes do correio á nossa custa, calcule o leitor o imposto violento que isso representa.

A industria do livro e do jornal é uma industria como outra qualquer, onerada com todas as contribuições correntes. Porque ha de então exigir-se que forneçam gratuitamente as bibliotecas do Estado?

Acaso o Estado pede aos outros fornecedores ou produtores artigos de graça? Dão-lhe de graça luz as companhias ou fornecem-lhe transportes gratuitos os caminhos de ferro!

A grande força

A Imprensa é, sem duvida, a mais espantosa força moderna. Contemplaram-na com o lugar comum de *alavanca do progresso*. A verdade é que não ha gloria ou esforço que a dispense.

Força isolada, protegida muitas vezes dos governos, perseguida outras, conforme a politica de atracção ou da violencia, pode, no entanto, manter, apesar de tudo, uma linha de nobreza.

Imaginem um governo que perseguindo os jornais, proibindo-os de criticar os seus actos, obrigando-os a um regime de amalgama noticiosa, sem individualidade, sem aprumo mental, sem nobreza ou coragem de opinião.

E imaginem depois que os jornais, cançados de tortura diaria da sua prostituição espiritual, resolviam não mais falar desse governo, não mais dar corpo e vulgarisação aos seus actos, não mais fotografar os seus homens, não mais considerál-os presentes.

Esse governo morreria—pura e simplesmente porque seria um governo de cadaveres.

Má língua

ANIMAES NOSSOS INIMIGOS?

Vae tão radiosa a senda do Progresso
e vemos germinar tantos ideaes,
que eu hoje francamente já começo
a encarar de outra forma os animaes.

Não me refiro aos que, num par de pernas,
olevantam seus olhos de oltas luzes;
creaturas seraphicas e ternas,
—peruas, pêgas, patos, e avestruzes...

Não. No capitulo—Aves—por emquanto,
nenhuma regra velha se baralha;
as de canto são fixes no seu canto,
e as «de caça», caçadas quando calha.

Em rôlas e pardaes, nada de nôvo
embora a Historia vá de tombo em tombo.
E as galinhas proseguem pondo o ovo
com pericia maior que a de Colombo;

O unico variar, pouco profundo,
nisto de «azas»—por mim não acho mau...—
é que cada vez menos pelo mundo
é avis rara o «passaro bisnau».

E' porém pelo mundo dos insectos
que o caso não vae mesmo nada bem,
e arrisca os tomos, de saber replectos,
da veneranda Historia de Buffon.

Então não leram num jornal, ha dias,
com té emulo franzir das sobrancelhas,
as tragicas e horrendas tropelias
a que em França se entregam as abelhas?

Porque a baixa do franco as enfurêça
ou a xenophobia as estonteie,
teem taes macaquinhos na cabêça
que não ha cidadão que as não receie.

Em certa estrada de não sei que terra,
por desespêro ou para seu regalo
brandindo seus ferrões em som de guerra
perseguiram uns homens a cavalo;

e foi tão poderosa a offensiva,
tão furiosa de faria insatisfeita,
que de uma mula que inda ficou viva
creio que nem a pelle se aproveita.

Ora vejam que horror se alturas tontas
se accendem contra nós de egual furor
as «abelhas doiradas» a que o Dantas
dá tamanho carinho apicultor!

Porém, nem só á roupa dos francezes
o sangue assim vertido a ennodôa...
Entre animaes, tambem nos portuguezes
a coisa ao que parece não vae bôa.

Um burro do Loureiro, ou de Silgueiros,
ardendo no outro dia em furia brava
arrumou quotro coices bem certeiros
na beirinha do campo onde pastava.

ouviu na estrada um buzinar, e então
soltando á frente do automovel, zás!
Pondo como devia as mãos no chão
deu coices e mais coices... para traz.

Amolgou latas e partiu lanternas,
ac bardou chauffeur e viajantes,
deu ao Progresso uma licção de pernas
—porque isto já não vae como ia dantes!

Se os animaes vão demandando a gloria,
tal burro é de louvar pelo que fez.
A' falta de outra acção mais meritoria
podemos já ir inscrever na Historia
estes coices de um burro portuguez.

Parada de Gonta—Set.º—1926

TAÇO

ECOS

Questão importante
Uma vergonha a que urge pôr cobro

A multa não se criou como fonte de receita. E' o necessario correctivo aos desmandos de toda a ordem que se entende deverem ser coibidos pelo prejuizo material de quem os pratica.

Chegam porem, até nós, e toda a Imprensa já por diversas vezes se tem feito eco do caso, varios protestos sobre a forma atrabiliaria e vexatoria a que chegou entre nós a caça á multa. Ao governo, que tem dado tanta provas de possuir força e energia para sanear os serviços publicos, compete encarar esta questão.

Um dos casos flagrantes é o dos «homens do braçal azul», que em plena cidade mandam parar os automoveis e lhes impõem as multas, a seu belo prazer e sem forma de reclamação pratica do autuado.

Não se pode provar, é claro, mas todo o meio automobilistico o sabe, os fiscais de transito jamais multam os «Taxis» ou rarissimamente o fazem apesar destes veiculos serem os mais velozes, porque recebem bons ordenados das respectivas garages.

Vingam-se então no «chauffeur» amador, o que constitue, em giria automobilistica lisboeta, «a mina do sr. Mineiro».

Pode isto continuar?

E' uma fonte de receita para o Estado e seus agentes?

Mas o Estado devia ser o primeiro a desejar que não houvesse multas, porque isso corresponderia ao bom grau de cultura civica da população.

São aos milhares os «chauffeurs» amadores vitimas permanentes da lei do transito que urge modificar, creando-a á semelhança da de Bruxelas, atendendo aos desniveis da cidade, e não a fazendo á imagem da de Madrid, que é uma cidade plana.

Os camions do correio atravessam o centro da cidade em vertiginosa correria, o mesmo sucedendo antigamente aos carros P. A. M. Hoje ainda ninguem vê um fiscal de transito no centro da cidade. Estão, em geral, escondidos atraz dum quiosque na Avenida Fontes, ou na da Republica, isto é, não onde o transito é mais perigoso e onde o peão precisa de ser protegido, mas onde a multa é mais facilmente imposta!

Eis o criterio: não proteger o peão, mas apanhar a maior soma de multas e percentagens.

Sabemos que uma grande representação de «chauffeurs» amadores vai ser feita ao governo sobre este assunto.

questão prévia

Snr. Director do «Domingo Ilustrado»

VAI, certamente, V. Ex.ª extranhar esta minha carta, mas o motivo que a fundamenta deve pesar no espirito de V. Ex.ª, que não deixará de concordar com as razões, que passo a expôr.

«Snr. Director: venho, por este meio, como se diz nos memoriais, apresentar a V. Ex.ª a minha demissão de cronista questionador e previo do seu mui lido semanario.

«Assim mesmo, Ex.mo Snr., a minha demissão pura e simples.

«Desde a mais tenra infancia deste periodico, rigorosamente desde o seu primeiro vagido, que eu, solicito e o mais pontual possivel, o tenho acompanhado pela ingreme calçada da gloria acima. A virginal brancura das suas colunas tem enegrecido com o suor, feito tinta, da minha pena. Vezes numerosas, em ardentes manhãs de Julho ou em nevoentas tardes de Dezembro, tenho em seu proveito espremido o limão das ideias e posto em prosa alindada á mão os mais brilhantes paradoxos, os mais espirituosos calemburgos, os mais felizes trocadilhos dos meus mal sortidos armazens.

«Não poderá negar V. Ex.ª, não poderão negar os seus cumplices na composição, impressão, ilustração e leitura do seu (permita me que lh'o diga) brilhante semanario, que o meu esforço intelectual tem contribuido, ainda que como chaguenta dianteira de sota praguejador, para levar, ladeira acima, a carga que a todos nos oprime e arraza em proveito dum só, dum vago e multiplicado individuo que se chama o respeitavel publico.

«Pois bem, snr. Director! Eu que assim venho ha um ano e picos a lutar semanalmente com o assunto escasso e a procurar extrair interesse da banalidade diaria que é a nossa vida social, eu não ganhei ainda o preciso para me dar o facil enlevo de arte que se chama «mandar cantar um cego», ao passo que um senhor americano, que segundo dizem os jornais se chama Dempsey, acaba de ganhar alguns milhares de contos só com o facil trabalho de dar e de levar uma saraivada de sôcos, sem que para o efeito tivesse necessidade de armar com o adversario qualquer questão, por menos prévia que fosse.

«Senhor Director!... Faltaria a um dos mais sagrados deveres para comigo mesmo se continuasse por mais tempo a espremer o limão das ideias e a alinhar frases em troca dos dezoito vintens—ouro, que constituem hoje em Portugal a mais alta remuneração do trabalho intelectual. Tenho familia e ambições, e como ha muita gente que paga bem para vêr bater, eu estou absolutamente resolvido a deixar-me esmurrar até á nodoa negra e ao sangue pelo nariz, desde que me garantam uma fortunasinha redonda de alguns milhões de escudos. Não me importo nada de trocar o meu oficio de cronista pelo de bombo em festa de aldeia e se V. Ex.ª, snr. Director, quizer aderir ao meu programa com os restantes camaradas da redacção poderemos, para matar o vicio das letras, fundar, em substituição do «Domingo Ilustrado», um periodico da especialidade, que bem pode ser o «Domingo Espancado», orgão do sôco, do pontapé e de outras brutalidades com que se está ilustrando o genero humano.

«Com as minhas despedidas, creiame sempre amigo e admirador.

NA LOJA DE MOVEIS

—Esta cama é forte, mas ainda queremos mais forte.
—Mas porquê!...
—Se soubesse como temos o sono pesado!...

NO FAR-WEST

O pesquizador de ouro:
—Ora bolas! E' ouro americano!...

O DOMINGO ilustrado

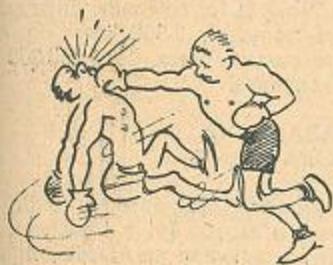
HUMORISMO

Crónica alegre

A HORA DOS BRUTOS

NA semana passada alguns milhões de seres humanos viveram horas de angustia e de anciedade emquanto definitivamente o telegrafo lhes não anunciou qual era o mais bruto: se Dempsey, se Tunney.

Com delicia uns, com magua outros, souberam que o antigo campeão Dempsey saiu do *ring* com um olho fechado e outro a deitar sangue, em concorrencia com o nariz, e a boca e partes adjacentes, todas sangrando ao desafio.

Para vêr e admirar esta barbaridade (dois homens socando-se) pagaram-se

lugares a cento e vinte e cinco dollars ou sejam, aproximadamente, dois mil e quinhentos escudos. Certamente por terem pago por tão alto preço o direito de assistir á brutal função, os espectadores partidarios dum dos pugilistas pediam ao seu idolo que matasse o adversario, naturalmente para tirarem o dinheiro a limpo.

Emfim, com esta animalissima manifestação de ferocidade, que trouxe parte da humanidade com os olhos postos em Filadelfia, movimentaram-se alguns milhões de dollars e o campeão derrotado, apezar dos olhos fechados a murro, mostrou que tinha olho retirando-se da scena do sôco com, pelo menos, quatro pés de meia.

A proposito de Dempsey socado e milionario, dizia-me um meu visinho, a quem a mulher sacode a roupa com frequencia:

—Ha pessoas com muita sorte! Ora veja o amigo esse tal americano que por uma só tareia recebeu alguns milhões... Imagine que rico eu não era se a minha mulher me pagasse cada soco, mesmo a tostão que fôsse.

Devo declarar, como visinho antigo deste Dempsey conjugal, que mesmo por aquela tabela infima o homensinho, se lhe pagassem, seria o Soto-Maior dos maridos agredidos.

NA ESQUADRA

—Quando se viu preso, queimou as notas do roubo...
—Era para contribuir nas minhas posses para a diminuição da circulação fiduciaria...

FESTEJOS

Um dos numeros das festas comemorativas do decimo sexto aniversario da Republica será, ao que vejo noticiado, uma parada do pessoal camarario de limpeza e regas.

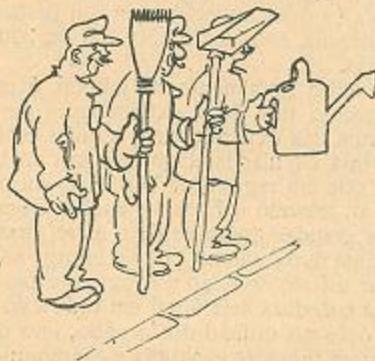
Como pode haver quem não perceba onde é que está a comemoração da Republica no alinhar de varredores numa extensão de alguns metros, vai tentar-se explicar o simbolismo deste numero dos festejos:

A actual situação inscreveu no numero do seu programa a extinção dos «maus politicos». Propõe-se, portanto, fazer a *limpeza* das ruas e das encruzilhadas do regimen.

—Muito bem!—dirá o leitor, de posse do simbolismo da parada dos «almeidas».

Muito bem, quanto ao pessoal da limpeza. Mas quanto ao das regas?

Quanto a esse é intuitivo: como não ha limpeza sem regas, tambem não ha regas sem excepção.

Percebeu o leitor? Não?... Pois nem por isso deve deixar de ir vêr a parada, quanto mais não seja para ter a certeza

de que se as ruas de Lisboa não andam limpas não é por falta de varredores, nem de vassouras: é por abundancia de lixo.

CRIMES PASSIONAIS

Todos os dias, mais ou menos, os jornais noticiam crimes de morte e tentativas de assassinio que teem por motivo o ciume.

Isto é um país de ciumentos ou de idiotas, o que vem a dar na mesma, porque o ciume não passa duma manifestação violenta de idiotia.

E' o amor!—dizem os inspirados. E' uma figa, é o que é. Será o amor, mas o proprio e nunca o alheio. Para o homem, o facto duma mulher não o querer é sinal de que ela viu um outro mais bonito, o que constitue ofensa grave, porque cada homem, para cada mulher, se julga irresistivel. Na mulher o ciume, em geral, é o receio de que o marido vá gastar com outras o dinheiro que lhe devia dar a ela, mulher legitima ou aturada.

Ha casos de ciume que teem todo o aspecto duma doença.

Eu conheci um rapaz que era da categoria daqueles individuos a quem é costume chamar-se, individualmente, «uma joia». Por um amigo era capaz

de ir ao fim do Mundo, que, como sabe, deita para a rua das Gaveas, e não lhe fazia diferença nenhuma dar a camisa do corpo, porque, felizmente, era um rapaz bem sortido de roupa branca. Tinha todas as qualidades e só um defeito se lhe enxergava: era terrivel, medonho, exageradamente ciumento.

No tempo em que ele vivia maritalmente e simultaneamente com uma francêsa e uma espanhola, sendo ciumentissimo por ambas, lembro-me de que nós, os amigos, lhe chamavamos o «Otelo das duas nações».

Com este ciumento rapaz não chegou a dar-se nenhum crime passional, mas por mais duma vez tivemos de lhe contar os ossos, para vêr se algum se teria perdido com as coças que lhe valeram algumas scenas de ciumes.

Duma vez, estando a jantar num restaurante com uma destas senhoras fortes e coradas, a quem é de uso chamar «perfeitas senhoras» ou «senhoras perfeitas», aconteceu vir pousar na mêsa ao lado um deste sujeitos faladores que não podem engulir duas garfadas nem fazer tres considerações. Jantar sósinho e sem conversar é para creaturas destas especie um martirio que não tem par entre o martiriologio cristão.

Depois duma venia, a que o meu amigo ciumento correspondeu com um olhar rancoroso, o nosso falador pediu a lista. Procurou-a o criado, sem lograr vê-la. Por acaso estava a senhora perfeita sentada em cima do *menu*.

—Tenho a certeza de que o jantar me vai assentar muito bem!—rompeu o falador.

O meu amigo só respondeu:

—Hom!...

Radiante e sorrindo fez o homenzinho a escolha do banquete: sopa, peixe, um prato de carne.

Ancioso por meter palestra, ao aparecimento da sopa aproveitou logo o ensejo. E olhando muito o meu amigo, com um significativo piscar de olhos:

—Bôa sopa, hein?!

O meu amigo torceu-se, crendo vêr na frase uma insinuação á senhora que o acompanhava, e deitou ao homem um olhar de 250 volts.

Veiu o prato seguinte. E o falador, sempre sorrindo:

—Rico peixe, sim senhor!

O meu amigo resfolegou fundo.

Uns minutos de silencio para mastigar o salmonête. Entra em scena um *roast-beef* tenro e rosado. E logo o homem loquaz, numa nova tentativa de palestração:

—Por mais que digam, a verdade é que ainda ha quem apresente boas carnes.

O meu amigo uivou, mas conteve-se.

A fruta passou em silencio. O dôce teve apenas uma referencia vaga aos quartos de marmelo.

Por fim o homem, desistindo já de meter conversa, acena ao criado, que nessa altura servia a senhora perfeita:

—Dá-me a conta!

Não poude o meu ciumento amigo conter-se a tão directa alusão, bradando:

—Ah, dá-lhe a conta, seu malandro...

... atirou ao homem amavel a travessa da *mayonnaise*, amabilidade a que ele correspondeu com uma garrafa de Bucelas branco, que descendo á cabeça do meu amigo lhe fez uma brecha tão funda que parecia destinada ao lançamento duma primeira pedra de qualquer monumento.

XISTO JUNIOR

CANICULA

—Cedo ou tarde os segredos sempre veem a transpirar...
—Jesus, e então com este calôr!

Curiosidades

AS DROGAS PROÌBIDAS

E' assunto de actualidade a campanha, cada vez mais necessária, contra os chamados estupefacientes, como a cocaina, a morfina, o pantopon, o ópio, etc. O hábito mórbido do uso dêstes alcaloides, de tão dilatado e útil emprêgo terapeutico, tem-se vindo espalhando nos centros mais cultos da Europa, com assustadora rapidez, quási se podendo temer que em algumas cidades ultra-civilizadas aconteça o que sucedeu em Hanoi, há mais de vinte anos. Foi o caso que o snr. de Lanessau, governador da Indo-China, ao chegar á capital do Tonkim, declarou: «Não quero mais vêr aqui nem um fumador de ópio!» Então o representante superior, o snr. Brière, retorquiu apenas o seguinte: «Muito bem, senhor governador geral, vou dar ordem para que a cidade seja evacuada.»

De todas as alcaloides que proporcionam êsses perniciosos «paraisos artificiais», donde é mais dificil sair do que entrar, nenhum conta, porém, mais adeptos do que o ópio, que é quási um deus para mais de quatrocentos milhões de homens, para tôda a raça amarela, um quarto da humanidade. Nos países europeus, é talvez a cocaina o que está mais divulgado, apesar dos seus efeitos serem porventura mais perigosos do que os do ópio, mas talvez por não necessitar, para ser tomado, do aparatoso material que é indispensavel a um completo fumador de ópio. O prazer supremo dado pelo ópio é facto que pode obter-se sôbre um miserável grabato dalguma casa de fumo nojenta, mas a concecussão dêsse prazer presta-se a scenários de grande luxo. O quarto de fumo do vice-rei do Tonkim é duma sumptuosidade feérica e, na China, tôdo o mandarim rico tem preciosas colecções de cachimbos de ópio, em marfim, em pele de serpente, em cana de açucar violeta, etc. No entanto, não é raro que o rico mandarim prefira a todos o seu cachimbo de bambu, já requeimado.

Sem detalhes técnicos, indiquemos como se obtem a cobiçada substância divinizada por tantos orientais e por tantos ocidentais, principalmente oficiais de marinha que fizeram longas estadas entre povos asiaticos.

Nas hastes de papoilas de varias espécies, mas sobretudo da especie «*papaver somniferum*»—praticam se fendas longitudinais, donde escorre, durante a noite, um suco esbranquiçado e viscoso, que é recolhido nuns pequenos recipientes colocados juntos da planta. Quando o suco toma a consistência da «guta-percha», é envolvido, com todos os detritos vegetais que contem, em folhas de bananeira. Daí passa a oficinas de destilação particulares ou do Estado, visto que no principio dêste século ainda o govêrno francês, o mesmo govêrno que proibia o uso do ópio em Toulon, onde foi introduzido por oficiais de marinha, tinha o monopólio das casas de fumo na Indo China. A destilação produz um ópio côr de castanho escuro, tendo a consistência da gôma arábica e, quando está frio, o cheiro da trufa (o ópio aquecido tem um perfume vago e delicioso). A droga é metida, depois, em latas de 50, 100 ou 250 gramas, com marcas indicando a proveniência.

O cachimbo de ópio compõe-se dum tubo geralmente de bambú, ôco, com os seus 60cm de comprimento, guarnecido nas duas extremidades por aneis de ôsso ou marfim. Fuma-se por uma das extremidades; a outra está tapada. A dois terços do tubo há uma abertura circular tambem com um anel, mas de metal, ao qual se adapta o fornilho, que em regra é de barro; no meio da base há um buraquinho para entrar o ar, quando o fumador aspira. Com uma agulha de aço, o fumador toma duas grandes gôtas de ópio e faz girar rapidamente, entre os dedos, a agulha, por cima duma chama. O ópio enruga-se, empola, toma uma côr doirada; o fumador vai amolecendo a droga, mantendo-a sempre sobre a lâmpada, de modo que a cozedura seja igual em tôda a superficie; introduz depois a agulha com o ópio no orificio do fornilho, leva o cachimbo aos labios e tira apenas duas ou trez fumaças espessas e esbranquiçadas. Em seguida, procede á mesma operação, enchendo o cachimbo tantas vezes quantas as necessárias para atingir a desejada beatitude.

Um grande fumador de ópio descreveu assim, da maneira mais sincera, a impressão produzida pela droga: «*No meio dos vapores muito densos, um dôce bem-estar invade o corpo e o espirito. Nenhuma vontade de dormir. Pelo contrario: a posse plena e completa das faculdades fisicas e intelectuais. A inteligência está luminosa e dirige-se, segundo o prévio desejo do fumador, para aquilo que a atrai. Aos que só pedem o repouso do espírito, êste vem, completo, absoluto. O corpo é esquecido: Ainda existe? O que faz? O espirito não pensa nisso. Liberta do da matéria, evadido sem angustia, paira num espaço indeterminado, impreciso, alheio ao que o rodeia. Ele próprio é ilimitado. As primeiras cachimbadas do principiante causam nauseas, acompanhadas por uma vertigem especial, a vertigem ascensional. Mas logo que se habitua, já não há vertigens, e o fumador sente-se transportado para o espaço, livre das contingências da terra.*»

Alguns fumadores tiram baforadas entre o perfume de flores raras, principalmente junto á essência de almiscar amenal, da qual, antes da guerra, custava, cada quilo, no Oriente, uma quantia equivalente a 7.000 francos.

O ópio dá aos seus adeptos uma indiferença absoluta por todos os acontecimentos. Na China, alguns condenados á morte absorvem uma forte dose e marcham, sorridentes, para o suplicio. Para os orientais, não tem consequências muito funestas e contribui para lhes dar uma filosofia serena, uma indiferença natural e um desprêzo pela morte e pelos sofrimentos, que são quasi um apanágio da raça amarela. Logo, o ópio nasce onde deve nascer: entre os povos que têm alguma razão para o divinizar.

O RUBI DO TZAR

Os imperadores da Russia usavam sempre no dedo, desde Ivan, o Terrivel, um anel com um pequeno mas profundo rubi. Dizia-se que sempre que o czar se encolerizava ou acontecia alguma desgraça á familia imperial ou á Russia, o rubi mudava de côr. Durante o reinado de Nicolau II parece que mudou de côr várias vezes: no dia em que, ante a residência de Tzarskoie Selo, os cossacos da guarda imperial dispararam sôbre a multidão que invocava o *Paizinho*, matando o *pope* Caponi; no dia em que o tzarewick se feriu, batendo contra um movel, ficando á morte; no dia da batalha de Mukden e da derrota naval russa; no dia em que o principe Yussupow matou o monge Rasputine; finalmente, no dia em que a familia imperial foi assassinada em Ekaterimburg. Nicolau II usava sempre o rubi magico no dedo anelar da mão direita. No dia da sua morte a pedra tomou a aparência dum pingo de sangue, duas horas antes do assassinato, e tornou-se côr de fogo, depois dêste. Ninguem ousou tocar-lhe e ignora-se o seu paradeiro.

DURAÇÃO DA VIDA

Até agora ainda não havia dados de natureza rigorosamente scientificos acêrca da duração da vida nos animais. Falava-se de veados e corvos várias vezes centenários, mas nada se sabia ao certo. Hoje, os naturalistas, depois de sérias e scientificas observações, apuraram as seguintes médias de longevidade em diversos animais: O crocodilo, 250 anos; o elefante, de 100 a 200 anos; a tartaruga, 150; a carpa, de 100 a 150; o côrvo, a águia e o cisne, 100; o leão, 60; o camêlo, 50; o veado, 30; o burro, 25 a 30; o cavalo, 25; o boi, 20; o gato, 18; o cão, de 15 a 20; a galinha, 10, e o coelho, 8. O homem, quanto á média de longevidade, ocupa o lugar entre o leão e o camêlo.

A ORIGEM DO TERMO «CHIC»

O célebre pintor francês David fazia pagar muito caro as suas lições, mas quando algum discipulo pobre manifestava invulgares aptidões, ensinava-o de graça. Entre esses discipulos esperançosos tinha um, chamado Chicque, filho dum vendedor de fruta. Os esboços e os primeiros quadros dêsse jovem, que tinha só dezasseis anos, agradaram de tal maneira ao mestre, que era frequente ouvi-lo dizer a Chicque: «Serás a honra da escola». Infelizmente, Chicque morreu aos dezoito anos, tendo David um enorme desgôsto. Desde então, quando um discipulo lhe mostrava qualquer estudo pouco feliz, dizia: «Chicque não faria isso». Em compensação, quando era um trabalho bom, comentava: «Mas é Chicque, é Chicque puro». Os discipulos contrairam o hábito de comentar um mau trabalho dizendo: «*Não é Chicque*», e um bom, dizendo: «*E' Chicque*».

Do *atelier* de David o têrmo passou para os cafés e restaurantes, frequentados por artistas e, pouco a pouco, pela queda do *que*, apareceu a palavra *chic*, que é quási universal e anda em tôdas as bôcas.

UM PEIXE RARO

Nos Estados Unidos tem aparecido um peixe de aspecto novo e estranho, a que os americanos chamam «loup». Possui uma maxila terrivel e um corpo em forma de trompa, muito comprida. Recentemente, na California, um pescador apanhou, á linha, um dêstes peixes, que tinha o comprimento de 1 metro e 70. A sua carne, segundo parece, é comestivel.

2.500 PALAVRAS POR MINUTO

A primeira secção do novo cabo submarino que ligará a Inglaterra á Terra Nova já foi colocada. Esse cabo poderá transmitir 2.500 letras por minuto e custará cêrca de 1.250.000 libras esterlinas.

O TABACO NA EUROPA

O primeiro país europeu onde se cultivou o tabaco foi a Inglaterra. A seguir foi cultivado na Alsacia, onde o introduziu, em 1620, um negociante de Strasburgo chamado Roberto Koenigsman. No principio do século XVIII, a quantidade de tabaco preparado na Alsácia já atingia o pêso de 80.000 quintais.

GREVE DE BAILADEIRAS

Acaba de rebentar no principado de Zalwar, um estado do interior da India, uma greve geral de bailadeiras. O *maharojah* de Zalwar, para «compressão de despezas» (cá e lá...) resolveu reduzir os ordenados das dançarinas sagradas, cujas evoluções são indispensaveis para o esplendôr das cerimónias religiosas indús. As dançarinas reagiram, declarando a greve geral O *maharojah* resolveu que se elas não retomassem o trabalho seriam, por castigo, mergulhadas no Ganges. Em que ficará esta dança das dançarinas?

O MAIOR TUNEL DO MUNDO

O maior tunel do mundo é, sem dúvida, o que acaba de ser construido em Londres, unindo dois bairros situados a uma distância de 33 quilómetros. Agora já não parece tão impossivel a construção dum tunel sob o canal da Mancha ou sob o estreito de Gibraltar.

UM CONCURSO ORIGINAL

Numa localidade inglesa dos arredores de Londres teve lugar, recentemente, um concurso bastante original: o dos pregoeiros. Concorreram vinte e quatro homens, um dos quais—concorrente dos mais temidos,—tem já setenta anos. O prémio foi ganho por um homem de meia idade, cujo alcance da voz foi calculado em onze quilometros. No entanto é preciso acrescentar que a uma distancia muitissima menor já é impossivel compreender uma palavra do que êle diz.

O DOMINGO Ilustrado

As revistas brazileiras

As antigas revistas—A influencia das ilustrações francezas—Os interpretes

A antiga revista brazileira, moldada nas revistas portuguezas, era uma exibição comica de tipos e costumes, de pedaços da vida nacional, de critica e observação caricatural. Tinha a sua individualidade, porque o Brazil é cheio de pitorescos e de personalidades.

Um dia apareceram no Rio as companhias «Ba-ta-clan» e «Velasco» e os autores brazileiros deixaram-se levar pela impressão ligeira duns espectaculos e, pondo de banda as unicas razões de existencia da revista, lançaram-se á caça das ilustrações francezas, enveredando o teatro de revista pelo caminho das policromias e dinamismos, como agora é uso dizer.

Deixando de ver que a revista franceza é um genero de teatro feito para extrangeiro, uma manifestação teatral que, servindo as tendencias morbidas da epoca, o desvario dos dias que passam, a insensatez da turba que se agita sem saber o que quer, traz grandes lucros, pois está na razão directa do destrambelho contemporaneo, mas que não tem uma unica base, o autor brazileiro lançou-se ouzadamente na sua imitação, mas faltando-lhe aquela doze especial de beleza futil que os francezes tão habilmente sab m administrar, carregaram a mão e... deixaram de ter teatro de revista.

Hoje no Brazil, não se representa o chamado teatro alegre, «Ba-ta-clan» é a frase apregoada por toda a parte, o pendão que todos seguem buscando o riso mais como escandalo do que como beleza, o movimento mais como agitação do que ritmo, o multicor mais como espalhafato do que como harmonia.

* * *

Na revista brazileira ha um tipo obrigatorio. E' o portuguez chapadão, inculto, estupido, especie de besta, encarregado de dizer: «Raios te partam» em todos os quadros.

Este portuguez, que entra em todas as revistas brazileiras, anda sempre atraz dos negros, que são o seu prato predilecto, dizem asneiras a torto e a direito, e nem sempre deixam de bolir com o moral dos filhos de Portugal que vão ao Brazil.

Numa revista interpretada sómente por negros e que atualmente se exibe no Rio de Janeiro, o unico branco que aparece é o portuguez, afirmando que foi ele que plantou em terras brazileiras o «feijão mulatinho».

Mas o mais curioso de isto tudo é que são actores portuguezes que fazem esses tristes papeis!

Em todas as companhias ha um actor portuguez especialmente contratado para fazer os portuguezes e é ver a maneira grosseira que vincam á personagem, a estupidez que lhe põem nas caracterisações, nos gestos e nas palavras!

Autores que viram a vida lisboeta e que em Lisboa foram recebidos como irmãos não deixam de meter nas peças estes tipos, sem o menor desconto, medindo todos os portuguezes pela mesma bitola de ignorancia e bestialidade!

E dizendo eu a um autor brazileiro que em Portugal não se usava meter brazileiros em scena, foi-me respondido que a culpa disso cabia aos actores portuguezes, que se prestavam a esses papeis...

Rio de Janeiro, Agosto de 1926

HENRIQUE ROLDÃO

A MINHA AMIGA VAIDADE

ENCONTREI ontem na leitaria Chic a minha amiga Vaidade. Estava sentada á meza, entre um rapaz que esteve quasi a ser actor e uma raparíguinha que já por trez vezes experimentou a voz para entrar como corista para o teatro de opereta, o que nunca conseguiu por ter a voz e o rosto um bocado picados das bexigas.

Quando entrei, a Vaidade, que me viu, fez-me sinal para que me sentasse na meza ao lado e que escutasse a conversa.

— Eu, minha filha, dizia o futuro ex-actor, dirigindo-se á proxima passada corista, eu, quando fiz a *Morte Civil* no Entroncamento, foi um verdadeiro sucesso. Até me compararam ao Brazão... E o sucesso foi todo á minha custa, porque o resto da Companhia não valia um fosforo sem cabeça...

«Então na scena da morte fui sublime.

— E como é que morrias? perguntou a corista interessada.

— Estupida... Então morte civil não está mesmo a dizer que um homem morre envenenado.

— Ah!... Como disseste que foi no Entroncamento, podias ter morrido debaixo do comboio.

— Contigo não discuto mais. Bem se vê que não passas duma corista sem contracto.

— Olha, se não estou contractada é porque quero. Bastava fazer o que as outras fazem...

— Cantar.

— Não senhor... ir para os *calubios*.

— Deixa-te disso... Há muita rapariga seria que é corista... O que a ti te falta é levesa, desenvoltura, e teres vocação para as dansas.

— Bem sabes que se não sou uma boa bailarina é por causa do meu artritismo.

— Isso até é uma qualidade... Podia-te aproveitar para o *nu artristico*.

E enquanto os dois continuavam discutindo, a minha amiga Vaidade levantou-se, deu uma volta pelo café e foi sentar-se junto dum grupo de revisteiros de fama. Seguia-a e sentei-me ao lado dos camaradas.

— Já te disse que o numero da *Castanha Pilada* é meu, dizia um deles, exaltado. Meu e muito meu.

«Lembro-me perfeitamente que o escrevi pela primeira vez para a minha revista *O Xifarote*, depois voltei a escreve-lo para a minha revista *Ripipipi* e agora vou escreve-lo para a minha revista *Zas Traz Pas*.

— Ena o que ahi vai, atalhou outro dramaturgo revisteiro. A minha revista a minha revista, a minha revista...

«Que diabo, eu tambem colaborei nessas revistas.

— Colaboraste mas não escreveste.

— Não escrevi, mas tive ideias.

— Isso de ter ideias é como quem diz. O que tu fizeste foi mandar vir as ideias de fora.

— Pois sim, mas gastei um dinheirão em viagens.

— Oh! rapazes, declarou terceiro, vocês desculpem, mas a *Castanha Pilada* era duma revista minha.

— Tua?

— Sim, era da *Farinha torradinha*.

—Mas quando é que isso se representou?

— Subiu á scena no Porto, num teatro que já acabou. Até por sinal que fazia o *«compère»* o José Lopes, que já morreu.

— O José Lopes! disseram todos a um tempo.

— Sim... O Lopes chorão, a quem tambem chamavam o Lopes cangalheiro... Um rapaz muito engraçado...

— Eu vi essa revista, declarei eu, mas não me lembro que lá entrasse a *Castanha Pilada*.

— Não senhor... Mas entrava a Castanha, e como a peça já foi ha 18 anos a Castanha já tem tempo de estar mais do que pilada.

Dei o braço á minha amiga Vaidade e levei-a para fora do café, mas só porque parámos um momento junto de dois actores, ouvimos o seguinte dialogo:

— Viste a rabula que me deram?

— E' muito melhor do que a minha.

— Pois sim, mas eu é que a não faço. Ou os autores aumentam o papel e lhe metem todas as piadas que diz o *«compère»*, ou então que te dêm a rabula a ti.

— Isso era preciso que tu fosses da minha categoria.

— Felizmente valho um bocadinho mais.

— Quem é que disse isso?

— O publico.

—Ai filho, deixa-me rir... O publico?!

«Mas se tu tens passado a tua vida a representar para as cadeiras...

Então arrastei de vez a minha amiga Vaidade para fora do café e já cá na rua disse lhe, sorrindo:

—Ai Vaidade, se continuas a frequentar a Leitaria Chic, acaba-se o teatro em Portugal.

LINO FERREIRA

CARTAS DE UM COMEDIANTE

"Metteurs-en-scène" e Realisadores

Foi Antoine quem revelou a presença do ensaiador. Para o publico, até então, o ensaiador era um ente que passava despercebido e que talvez se considerasse inutil.

Mas Antoine quebrou as cadeias de convencionalismo que acorrentavam o Teatro. Impoz as suas ideias, as suas teorias, «de guerra á Teoria,» libertou os movimentos do actor; com toda a sencermonia, voltou as costas á Platéa. E d'ali para cá, o ensaiador passou a ser alguem, como a gente agora sabe.

Mas surgiram os renovadores, de formulas sinteticas; o Simbolismo opondo-se ao Realismo, por mais humano, por mais interior, em que o murmurio d'almas subsiitue a eloquencia de palavras. E o ensaiador deixou de ser o «metteur-en-scène» parase o Realizador. Deve-se a be'a palavra a Cinematografia.

Na Scena Muda, o ensaiador está muito acima dos artistas, dos scenodrafos, dos decoradores, do proprio autor, do argumentista.

E' ele quem fixa as linhas em que viverá o «scenario» que o auctor escreveu e quem levanta a peça e quem a anima e quem a realise.

...Não serão «realisad res» Marcel é Herber Epstein, Griffith, de Feyder?

Em teatro, que outro nome mereceo Pitoeff Reinhardt, Gaston Baty, etc, com um poder de creação tão grande que a saluas «realizações» não se parecem?... Cada qua tem a marca inconfundivel da sua personlidade, das suas ideias das suas tendencias artisticas

No Estrangeiro, o Realisador ocupa o logar que lhe compete. Entre nós, porém, o nome do Realisador mistura-se ao de fornecedor das mobilas e dos aparelhos electricos, no rodapé dos cartazes teatraes: «Enscenação de Fulano»...

...E se nós temos ensaiadores que merecem egualmente o nobre qualificativo de «Realisadoers», porque não se fará justiça?

Quantos artistas sem o ensaiador são incapazes de fazer coisa alguma!

«A quem pertence a apoteose quando a haja?

«Ao manequim, ou ao verdadeiro creador, o anonimado «metteur-en-scène», que moldou á sua maneira um pedaço de argila bruta e lhe insuflou a vida!...

Porque ha artistas absolutamente incapazes de crear, essa é que é a verdade.

CARLOS ABREU

Nacional

Fechado temporariamente.

Eden

O «Cabaz de Morangos»; grande sucesso.

Coliseu

Grande companhia de circo.

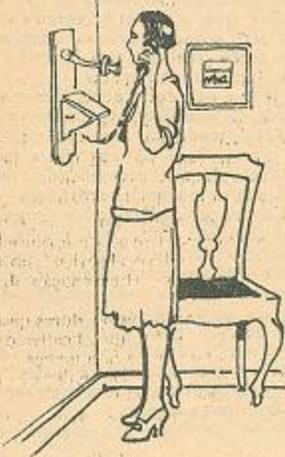
Variedades

A revista de grande sucesso O «Pó d'Arroz».

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

UMA novela da minha vida? Não é facil. Por mais que procure, na minha memoria—que é raramente heroica e sabe guardar tudo o que merece—não encontro um episodio definido, pitorêsco, com um principio e um fim, independente do curso vertiginôso... Não. Estou convencido—sem abusar dos jogos literarios...—que a vida é que é uma novela, uma novela em miscelanea, desarrumada, atropélada, informe. A nossa arte de escritores é justamente tirar dêssa amalgama confusa um enredo unico, um ou dois personagens de primeira plana, e uma crise que os sacuda e lhes dê teatro... A vida é que é uma novela. A minha vida, a minha novela—está ainda, graças a Deus! nos primeiros capitulos, no fim da primeira parte.

Mas, se não lhes posso dar uma novela, posso dar-lhes um esboço de novela. Esboços de novela é que ha, na vida, imensos... E' só curvar-nos, e colher no grande prado a flôr anónima...

—E' você?...

Ha trez anos, passei uma noite de inverno sósinho, na minha casa de campo, a lêr. Ao pé de mim, um candeeiro alto, carinhôso—haste solene que abria em flôr japoneza, nas tatuagens do quebra-luz... Fóra, o sôno da planicie, o grande sôno friorento e estrelado. E, de repente, nascendo no silencio com uma timidez de intruso pueril, o toque do telefone, balbuciante. Levantei-me, na indolencia aborrecida do meu egoismo:

— E' você?

Era uma voz pequenina, grave, apagada, familiar—e que eu nunca tinha ouvido. Nem sei porquê, respondi:

— Sou.

— Estava a escrevêr?

— Estava a lêr.

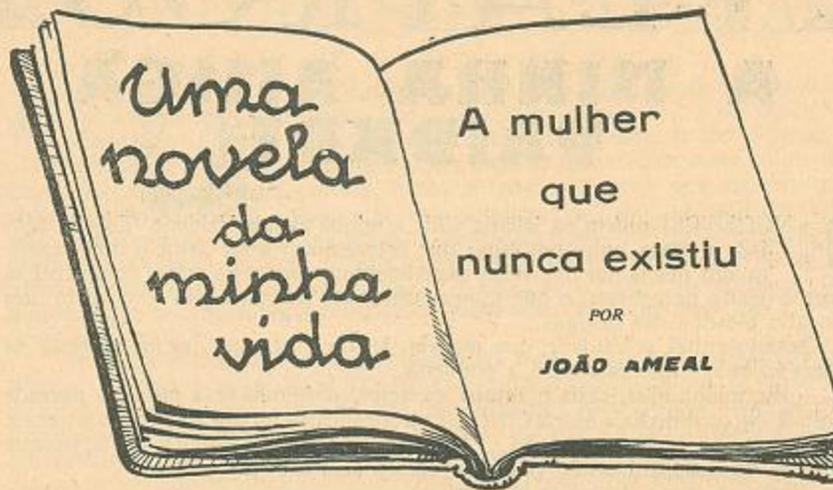
— Que pena! Queria imenso interrompê-lo quando estivesse a escrever...

— Mas quem fala?

— Uma pessôa que gosta dos seus livros. Estava ao menos só?

— Inteiramente.

— Então, venho fazer-lhe companhia...

A voz instalava-se — como alguem que entra, se senta ao pé de nós, e fica. Eu, um pouco lisongeado, um pouco embaraçado, sustentei correctamente a conversa meia hora. Confidencias: Vivia isolada, entre gente d'outra geração, numa quinta, junto á serra. Sensibilidade delicada, nervos dolorosos, imaginação ardente. Versos, ás vezes, que não mostrava a ninguem, que eu havia de vêr um dia. O inevitavel: eu quiz forçar o misterio.

— Onde a posso vêr?

— Qual é o seu tipo?

— As loiras.

— Altas?

— Muito altas, não.

— Magras?

— Que parecem magras.

— Eu sou morena, muito alta, muito magra. Nunca lhe hei-de aparecer...

— Faz mal... gostava de a vêr. Acho-a inteligente... E estou-lhe grato...

Um corte brusco:

— Até amanhã. A esta hora estará só?

— Com certeza.

— Então, amanhã volto.

Durante uma semana, a scena repetiu-se, invariavel. Poucos progressos. Confissões mais alongadas; um nôme qualquer, que eu mal fixei, um timbre mais afectuoso; uma camaradagem terna: sempre a recusa dum encontro. E uma tarde fui para Lisbôa. Voltei um mez depois. O telefone não tornou a trazêr-me aquela voz...

No ano seguinte conheci em Lisbôa

Toquei em d'Annunzio...

uma italiana que dançava na Ópera. Ou antes: Vi-a, falei-lhe. Não a conheci nunca. Sei o nôme—como a outra. E as palavras. Outro género: Sacudida, desigual, voluntariosa, esquiva, infantil. E' claro: toquei em d'Annunzio, como se lhe falasse duma imagem da sua religião. Fiz mal. Detestava d'Annunzio. Achava-o inferior, leviano, restrito

Uma rapariga sem relevo...

Acusava-o de contar-se sempre, na sua obra, a si própria. Eu perguntei-lhe:

— Acharia você melhor que d'Annunzio contasse a sua vida?

— A minha?

Riu alto, escandalizada.

— A minha? D'Annunzio não chegava. Um homem só não chegava...

Estive com ela algumas vezes. Poucas. Soube que era uma siciliana e que tinha fugido, aos quatorze anos, com um aristocrata de trinta. Razão: um desentendimento com o Pai, antiquado e tiranico. Alem disso detestava viver num solar de espectros, livido, perdido como um blóco anónimo no desterro da montanha. (Curioso!—pensei. A figura que se reproduz: a adolescente esmagada pela serra...) Tambem havia o demonio da Arte sôbre aquela solitaria. Para se libertar escrevia poemas imprecisos, musicais, que se espraiavam sem se esclarecêr... E propôz-me uma companhia dôce, desprendida, intelectual. Outra face da mêsma esfinge? Nunca o soube. Perdi-a de vista, nem me lembro como...

* * *

Em janeiro do ano passado, vinha do norte, no rápido do Minho, para o Porto. Ninguem interessante nos bancos fronteiros. Uma atmosfera glacial, sem um afago de sol. Enovelei-me no casaco amplo, abri um volume ao acaso. Em certa estação, entraram duas pessoas; nem olhei, preso ao feitiço das páginas. O comboio largou, veloz, numa corrida fora, entre as paisagens ingenuas. Dois minutos depois tive de levantar os olhos. Não foi por minha vontade (o livro atraía-me cada vez mais) —mas havia um imperio novo, mais forte, invencivel. Na minha frente sentara se uma rapariga sem relêvo, correcta, esguia, linhas marcadas, bom gôsto neutro. Fixava-me. Demorei o olhar—porque ela fixava-me desassombradamente. Ao lado uma vaga matrôna, egual a todas, em segunda mocidade teimosa. Voltei á leitura. Daí a momentos, outra vez a chamada tiranica, insistente; outra vez as pupilas obstinadas. E foi assim durante hora e meia. Eu já não lia. Fingia mergulhar no segundo capitulo. Mas não conseguia fugir ao dominio. Uma, duas vêzes, chegava a percorrer um periodo. Esse periodo fazia-me sorrir? Os olhos, em frente, sorriam. Indignava-me? Os olhos, em frente, partilhavam a minha cólera. Os olhos entendiam-me, adivinhavam-me. E eu é que nada adivinhava, nada entendia...

Chegámos ao Porto. Tinha gente á minha espera. Nem pude seguir os olhos que se afastavam, hipnóticos...

* * *

Durante agum tempo cheguei a imaginar que aquelas trez mulheres eram uma só—ou não eram ninguem.

Por fim, apareceu uma unica, diferente de todas elas,—e que apagou, para sempre, os trez fantasmas. Tinha acabado a primeira parte da minha novela; começava a segunda, a ultima parte...

JOÃO AMEAL

NO PROXIMO NUMERO

AS MINHAS ONZE PRISÕES

NOVELA DA MINHA VIDA

POR

FELIX CORREIA

A SEGUIR

Ir a Palmela e... não ver o Castelo

POR

NOGUEIRA DE BRITO

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA . . .

A "Aninhas" do Limoeiro

Uma novela de Reinaldo Ferreira — o famoso Reporter X, não precisa de adjectivos. Lê-se, devora-se, e fica-se com pena que acabe...

A Aninhas crescera, fizera-se mulher—como se a natureza tivesse profetisado os modelos de Beleza que os artistas lançariam nas capas dos magazines e dos figurinos, neste ano da graça de 1926 . . . Aninhas crescera e fizera-se alta, flexivel, o peito, que parecia liso, ocultava, sob a seda da blusa, um seio enganador, firme,—duas taças de cristal, cheias de rosas.—O pescoço alto, a cabeça ligeiramente masculina—a nuca perfeita—exigiam os cabelos cortados á rapaz, muito antes de Marguerite ter escrito *La Garçonne*. E os olhos, olhos verdes, claros e enormes, olhos que eram bagos côr d'esmeralda—reflectiam pensamentos ultra modernos, *halls* de grandes hoteis; toldos de transatlanticos...

E contudo Aninhas era modesta, instintivamente conservadora, burguesinha, com muitos extasis meditativos—mas, com ambições. Filha dum oficial reformado, vivia com a familia num modesto segundo andar do Conde Redondo. Como a mãe era doente e a reforma do pai não lhe permitia larguezas de vida, ela propria cuidava da casa e de duas irmãsinhas pequenas que andavam nos estudos . . .

Logo de manhã, muito fresca, com a cabeleira loira acamada em bandós ofelianos, Aninhas atava o avental e ia para a cosinha preparar o café, ferver o leite, barrar de manteiga as fatias doiradas ao lume—e distribuia pela familia, deitada ainda, o pequeno almoço . . .

Labutava durante todo o dia—e como jantavam cedo, ia, á tardinha, sentar-se junto da janela, folhear uma novela romantica—até que as morfinas do crepusculo lhe semeavam nas veias uma dôce suavidade; e ela ali ficava, noite adiante, o livro sobre o parapeito—e os olhos verdes seguindo os electricos que, manchando de luz a rua penumbrosa, despejavam os retardatarios da hora de jantar—e levavam para a Baixa os que iam para os cinemas, para os teatros—para os *cabarets* . . .

Era este o unico premio que Aninhas exigia da vida: duas horas de contemplação ao desfile da sua rua. A's vezes recolhia-se enervada e aborrecida pela insistencia dalgum mocinho que a notava e que se especava frente á sua janela, provocando namoro . . .

Não . . . Ela não queria namorar. Fizera outro dia dezoito anos. Estava nova ainda—e em casa precisavam dos seus cuidados.

E os pais eram felizes, vendo-a assim, tão seriasinha, tão resignada, tão modesta.. Daquela não viriam desgostos a apressar-lhes a morte . . .

* * *

Aninhas compreendeu um dia que era demasiado pouco o que o Estado dava pela reforma do oficial. Quiz trabalhar. Que mal havia nisso? Se ela fosse uma doidivanas, a liberdade que o trabalho lhe trazia era um pretexto para se cançar na vida leviana . . . Não, não . . . Com Aninhas não havia nada a temer. Sensata, instintivamente honesta, energica na defeza do seu pudor . . . Além disso o pai já lhe notara uma aversão violenta por todos os vicios, mesmo quando se disfarçam em galanterias e se vestem de sedas e se constelam de joias.

O bairro estava apinhado de raparigas da sua idade, contagiadas pela agitação da cidade, pervertidas precocemente—e cujas existencias repugnavam ao criterio de Aninhas. Quantas vezes

Era este o unico premio: duas horas de contemplação da rua.

não via ela a loira do 123 sair, espalhafatosa e berrante, gargalhando á louca e cercada de dons Juans pouco exigentes ! Quantas madrugadas as buzinas dos autos não vinham despertá-la ao seu leito de virgem—obrigando a espreitar e a vel-as apiar, acompanhadas por velhos ou por novos, bater as palmas ruidosas ao guarda-nocturno, como se se aplaudissem a si proprios, a sua queda, a sua devassidão. E moralmente Aninhas pensava:

— Que horror de vida! E assim se sujeitam a todas as humilhações, a todos os vexames, aos beijos beijados por todas as bocas!

E a palavra de insulto que lhe acudia aos labios, orgulhosos da sua independencia e da sua honestidade, era a de . . .

— Escravas !

* * *

Aninhas empregou-se num escritorio da Rua do Ouro—um escritorio de velhos, um escritorio de antigos companheiros do pai, nas epocas coloniaes. Entrava ás nove, teclava na maquina de escrever até ás seis—e ás seis e meia, apeava-se do electrico, frente a sua casa, no Conde Redondo.

A vida do lar ganhava novas comodidades. Já tinham criada—um gramofone. A felicidade de alma daquela gente bem merecera um pouco das outras felicidades.

Mas uma tarde . . ,

* * *

. . . Uma tarde Aninhas descobriu que a seguiam. Era um moço apinocado, dum moreno lustroso de indio; um grande brilhante no dedo, que emanava um fluido poderoso de sugestão, de masculinidade. Não sorria—e os seus labios transparentavam segredos de ternura. Os seus olhos tinham energia—e maldade—mas brilhavam, ás vezes, numa impressionavel simpatia.

Não a maçou. A sua infiltração foi correcta, lenta, sem imposições . . . Ele bem conhecia o seu poder . . . Ele bem sabia que impressionava . . . E tanto a impressionou que ela cedeu. Aceitou uma carta... Deixou-se acompanhar até ao escritorio. E quando pediu para falar-lhe da janela abaixo—o pai teve um sorriso amarelo:

— Vê lá, filha, vê lá... Tu é que sabes se ele te merece . . .

E a mãe, quando o viu pela primeira vez, tambem deu a sua opinião:

—Tem má cara para santo . . .

E sem querer, os pais começavam a contrariar o namoro.

* * *

Mas o namoro, um pouco oculto, durava já havia cinco mezes. Aninhas sabia já o que era o amor . . . E o amor para ela era o veu branco, o orgão da egreja, a lua de mel em Sintra—na casinha com moveis novos—e dois petizes muito loiros . . .

Ele continuava a não maça-la, mimando-a de gentilezas inteligentes e falando lhe dos seus negocios—que eram a garantia do futuro paraizo.

No dia em que fazia meio ano que eles se namoravam—ele faltou á entrevista. E no dia seguinte—e no outro; e assim durante uma semana. Os olhos verdes de Aninhas começaram a orlear-se de vermelho, queimados pelas lagrimas . . . Ter-se-hia desfeito assim aquele sonho modesto, burguez, de um casamento de amor?

Na segunda-feira o correio trouxe-lhe uma carta. Alvoroçou se toda ao conhecer a letra. Era dele. Abriu-a e leu-a, de olhos escancarados.

Dizia assim :

«Minha Aninhas:

«Prepara-te para uma triste surpreza. Estou preso aqui, num quarto particular do Limoeiro. Mas não penses mal de mim . . . . Tu lembras-te daquele amigo meu que ás vezes encontravamos—o Barros? Por despeito ou fosse por que fosse ousou macular-te com calunias. Sovei-o como devia. Ele foi para o hospital—e eu . . . para a cadeia. Vem vêr-me . . . teu para sempre,

José.»

* * *

Quando Aninhas entrou no velho casarão amarelo do Limoeiro, o seu coração deliciava-se pela primeira vez com os acidos—dôces do romanticismo. O romanticismo não tinha jamais maculado aquela mulhersinha sinceramente honesta, honestamente amante de vida pura, de vida calma . . .

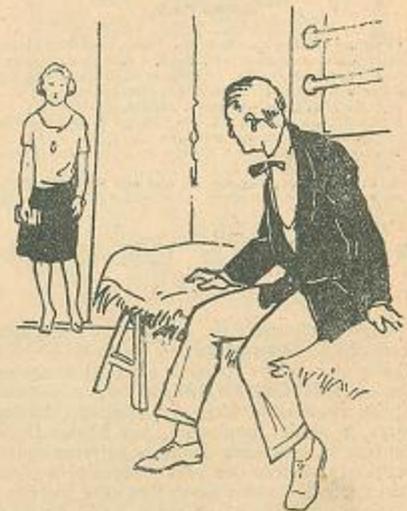
Mas aquele amor, incendiado agora pelo heroismo do homem amado, pelo sacrificio feito em sua honra; aquele romance da prisão tinham-na transportado da sua existencia monotona de burguesinha do Conde Redondo para as paginas de uma novela . . .

Entrou no quarto particular. José caiu lhe nos braços, teatralmente. Choraram ambos; e como era a primeira vez que os dois namorados se encontravam na estreita intimidade de um compartimento, defendido por uma porta bem fechada, esqueceram-se de tudo, e com a imaginação forraram de papel policromo as paredes da cela; e encheram-nas de quadros e de oleografias; e viram transformar-se a tarimba num leito de madeira branca, com grinaldas doiradas;—e viram aparecer como disparada por um alçapão uma meza de cabeceira; um berço espumando rendas—um candieiro de pé, com um estilisado *abat-jour* verde . . .

* * *

O sol que atapetava o quarto foi-se apagando pouco a pouco. Devia ser tarde . . .

— Não te vás ainda, amor... Espera... Mais meia hora . . ,

E ela não resistiu . . . E José ia ganhando exaltação; os olhos brilhavam-

Entrou no quarto particular...

lhe mais; e de tempos a tempos abria uma caixita de cartão e aspirava uns pós prateados . . .

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8)

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

3 OUTUBRO 1926

Apuramento do n.º 5 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

LORD DÁ NOZES
N.º 1 — 4 Votos

N.º 2 de D. SIMPATICO . . . . 1 votos
N.º 6 de MANÉ BEIRÃO . . . . 1 »
N.º 3 de VIRIATO SIMÕES . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, DROPÉ, (todos da T. E.), LORD DÁ NOZES MAMEGO.

QUADRO DE MERITO

AULEDO, (5), D. SIMPATICO (da T. E.) (4).

DECIFRAÇÕES

1—*TRAVADO*, 2—*telegrama*, 3—*Solfa*, 4—tirete, 5—Agosto, 6—*estrelado*, 7—baldaquino, 8—tinoco.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 1, de «Lord Dá Nozes», com 5 decifradores.

Apuramento do n.º 6 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BAGULHO
N.º 2 — 4 votos

N.º 1, de CAMARÃO. . . . . 3 votos
N.º 4, de D. SIMPATICO . . . . 1 »
N.º 7, de VISCONDE DA RELVA . . . . . 1 »
N.º 11, de MARIANITA . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

D. GALENO, DROPE (da T. E.), LORD DÁ NOZES, MAMEGO

QUADRO DE MERITO

VIRIATO SIMÕES (12), IAMENGAL (10), AULEDO, VISCONDE DA RELVA (9), D. SIMPATICO, DOIS PRINCIPIANTES (8)

DECIFRAÇÕES

1—*festigo*, 2—CACETEAR, 3—lisbonina, 4—*mortal*, 5—gimbolinha, 6—carola, 7—*fementido*, 8—perigoso, 9—ebrioso, 10—superabundante, 11—*carpete*, 12—prosapia, 13—bagata.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 11, de «Marianita», com 4 decifradores.

DEDICATORIAS

«D. Simpatico» e «Visconde da Relva», decifraram o que lhes era dedicado.

ERRATAS

O ultimo numero do «Moinho» é uma verdadeira lastima! *Gralhas*, omissões, etc. Peço, a todos os colaboradores e decifradores, me desculpem as involuntarias faltas que vou rectificar e muito me contrariam:

Nas *decifrações*, n.º 1, leia-se *heliotropio*.

A *charada em frase* n.º 4, deve lêr-se: O *mau conselho* é sempre, dado por *um manhoso*.—2—1

A *charada em frase* n.º 6, deve ler-se: *Ai! Lá*, começa vo é com o *choro*!—2—1

A *charada em frase* n.º 12, que saiu sem assinatura, é da autoria do nosso novo colaborador REI DOS URSOS (F. A. F.).

A TODOS OS COLABORADORES

Rogo o obsequio de seguirem, á risca, esta condição do **Regulamento** do MOINHO: *Todos os conceitos (parciais e totais) devem verificar-se* **RIGOROSAMENTE,** *nos dicionarios apontados*. Vejo-me obrigado, bastas vezes, a anular produções, por dificiencia de verificação, o que me desgosta extremamente, por pouca atenção dos seus autores pela regra acima citada. Espero dever lhes esse favor.

Ficam anuladas as charadas n.º 15 do n.º 9 e n.º 5 do n.º 10, por falta de verificação.

Correio

AFRICANO.—Como a «charada em frase», da minha autoria, publicada no n.º 9 (2.ª serie), está fora da votação, rogo-lhe o obsequio de enviar, novamente, o seu voto, agradecendo, penhorado a injusta distinção que lhe mereci.

AULEDO.—Não ha mais?...

AVIARDO.—Tenho muito gosto em conta-lo no numero dos colaboradores desta secção E produções?

AVIEIRA.—Só ha uma produção de V. Ex.ª. Posso contar com nova remessa? Muito agradecerei.

BIXO KNHOTO.—Está deferido e agradeço as suas gentis palavras. A respeito de colaboração, ficamos por ai?

DROPÉ.—Acabaram-se os seus trabalhos. Seria conveniente enviar mais alguns o que muito agradeço.

MARIANITA.—Morreu?...

MENINA XÓ.—???...

PAUSANIAS.—Recebi tudo. Muito obrigado. Pedia-lhe a fineza de, para o futuro, enviar os seus trabalhos em papeis separados, bem como as listas das decifrações.

REI DO ORCO.—Acabaram-se as suas produções. Vêm mais?

SANCHO PANÇA.—«O bom filho á casa torna»... Muito folgo em vêr confirmado o velho rifão. Só uma charada?... Quasi não chega para lhe tomar o gosto!...

O que pergunta é uma agremiação de charadistas, uma especie de «club», onde trocam impressões, trabalham em conjunto, etc., etc. Sempre ao seu dispor.

DR. FANTASMA

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, BIXO NHOTO, DOIS TORREJANOS MENINA XO, NONÓ, SPARTANOS

DECIFRAÇÕES DO N.º 88

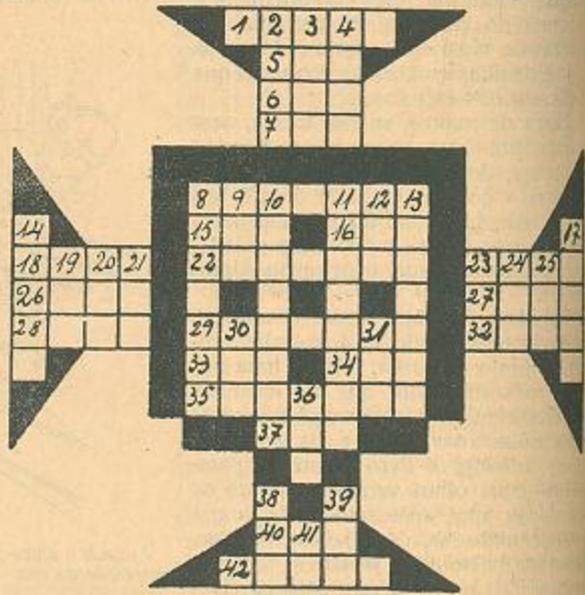
HORISONTAIS.—1 fúcaro, 6 menina, 12 mata, 14 mito, 16 as, 18 ir, 19 ror, 21 ca, 22 pi, 23 rir, 25 Americo, 28 aro, 29 agencia, 31 Colares, 33 ma, 34 ia, 35 loa, 37 al, 38 aa, 39 atro, 41 buir, 43 vir, 44 Lidia, 45 nua, 47 sala, 49 roda. 52 el, 54, to, 55 Ema, 57 fa, 58 re, 95 Guiomar, 62 diurnos 65 uma, 66 boemias, 68 usa 69 lê, 70 dá, 71 opa, 72 ca, 74 ai, 75 fada, 77 lama, 79 parara, 80 mirada.

VERTICAIS.—2 um, 3 caí, 4 atracar, 5 rã, 7 em, 8 Nicolau, 9 ita, 10 nó, 11 páramo, 13 côr, gr ciosas, 17 siga, 19 real, 20 rica, 22 préa; 24 re, 26 mi, 27 co, 28 ar 30 nitrato, 32 alindar, 36 ordem, 39 ais, 40 ola, 41 bar, 42 rua, 46 regulo, 48 lombada, 50 ofuscar, 51 lesais, 53 lume, 55 éreo, 56 adis, 58 rosa, 60 ia, 61 ao, 63 ia, 64 nu, 67 m. p. a., 70 dar, 73 ama, 75 fa, 76 ar, 77 li, ad.

PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos ilustres colaboradores DOIS PRINCIPIANTES.

HORIZONTAIS. -1 «fructo», 5 senhor!, 6 arma, branca. 7 trez letras de *arar*, 8 «fruto», 15 reza, 16 tripulação, 18 magneto, 22 mortificados, 23 «algarismo», 26 sola, 27 elo, 28 «metaloide» 29 combinação das letras *darraio*, 32 miseria, 33 homem valente, 34 tres letras de ELIAS, 35 «mulher», 37 curso, 40 capa, 42 «fruto».

VERTICAIS.—2 erguer, 3 qualidade, 4 paixão, 8 lanche, 9 «pedra», 10 provocador, 11 direcção, 12 anagrama de *lôa*, 13 audacia, 14 «mulher», 17 «fruto», 19 garra, 20 trez letras de *damo*, 21 por ventura, 23 vivacidade, 24 oh! 25 possui, 30 zombar, 31 naquele logar, 36 trez letras de *mina*, 38 ruido, 39 oceano, 41 poeira

CORREIO

DOIS TORREJANOS.—Recebi e agradeço. Sai num dos proximos numeros.

DR. FANTASMA

A ANINHAS DO LIMOEIRO

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 8

—O que é isso?

—E'... é mentol...

E ela quiz tambem aspirar mentol. E pouco a pouco os nervos começaram a trepidar; uma ansia imensa de loucuras, de vida, de ascensões, de infinitos, a assaltava...

—Mas o que é este pó?

Ela tinha medo—mas já pedia, já o ia tomando, risonha, da caixa de cartão—e o aspirava, gulosa, e deliciava qualquer doce perturbação... Depois começou a anoitecer... A' sua volta as trevas iluminavam-se, picavam-se de estrelas. Havia *jazz-bands* fantasticos, dentro do seu cerebro... Todos os seus sentidos tinham ganho capacidades ineditas de prazer...

* * *

Quando ela passou pelo vestibulo—o porteiro indagou, amuado:

—Uma visita... a estas horas!

E um guarda, mal humorado, explicou:

—Descuido do Barros... Que não torne a suceder o mesmo...

—E de onde vem?

—Do quarto do José de Lima..., do que falsificou as letras...

José era um falsificador.

* * *

Vi ontem a Aninhas no Parque Mayer. Bebemos cervejas num terraço de café... Está mais bela... Está berrante. Os homens puzeram-lhe alcunhas... Chamam-lhe a «Aninhas do Limoeiro». E a certa altura Aninhas segredou-me:

—Não me podias arranjar um pouco de cocaina?

REPORTER X

Varia

O TEATRO CHINEZ E JAPONEZ

O teatro da China e do Japão tem caracteristicas muito semelhantes e que o diferenciam bem do teatro ocidental. Dessas caracteristicas, a mais típica talvez seja a quasi completa exclusão das mulheres dos conjuntos artisticos. Os papeis femininos são, ainda hoje, geralmente representados por homens. No teatro chinês, esse costume obedece a um sentimento de profundo respeito pelo sexo feminino, respeito

Um actor japonês á porta do seu teatro, anunciando o espectaculo

incompativel com a pequena consideração mundana que merecem aos chineses os profissionais do teatro, quási todos saidas de inferiores camadas sociais. A proibição das mulheres fazerem parte de companhias teatrais data do século XIII, de quando o imperador Kien-Long teve por favorita uma comediante. Desde essas remotas eras até 1900, só rapazes adolescentes representavam, na China, papeis de mulher, devendo no entanto mencionar se a excepção da companhia, exclusivamente feminina, que há cêrca de meio seculo actua em Shangai, no teatro chamado «Max-cul-hin» ou «teatro das gatas». Na China, actualmente, há teatros em que todos os actores são homens; teatros em que todos são mulheres, e teatros mixtos, com actores e actrizes, sendo comtudo os primeiros que, em «travesti,» interpretam ainda os papeis femininos mais dificeis.

No Japão tem havido grandes actrizes, como a célebre Sada Yaco, o que não impede que ainda muitos homens desempenhem papeis femininos, chegando a uma imitação perfeitissima das graças femininas.

Dum modo geral, o publico acolhe friamente as actrizes que só revelando um verdadeiro genio histriónico conseguem impôr-se. Só a partir de 1890 é permitido a homens e mulheres representarem juntos. Os actores especializados em papeis femininos chegam a adoptar os sentimentos, os gôstos e as expressões das mulheres, tendo, como estas, um grande fraco por jóias e adôrnos de toda a especie. Albert Mayon autor da curiosissima obra «*Le Théatr, japonais*», conta que um desses actores Iwai Hanjirô, depois dum grande exito num papel do seu genero, se enamorou de si proprio e foi para casa sem desmanchar a caracterização, o que lhe valeu a seguinte «rabecada» da sua propria esposa, que não o reconheceu: «*Como te atreves, desgraçada, a vir aqui ter com o meu marido?*» No Japão êste habito do «travesti» feminino fundamenta-se em razões de ordem scénica e estética, pois que a indole do teatro japonês exige, por vezes, na interpretação determinadas condições de robustez e resistência fisica, dificeis de encontrar numa mulher. Basta dizer-se que um espectaculo dura quási sempre um dia inteiro.

morte da Geisha, papel desempenhado com extraordinario realismo pela celebre actriz japonêsa Sada Yako, na peça «A Geisha e o cavaleiro»

As fachadas dos teatros japoneses estão em geral engalanados com festões e emblemas decorativos, que indicam haver ali um templo de prazer espiritual, sim, mas tambem com certas funções educativas e religiosas. Um espectador endinheirado encontra no teatro tudo o que precisa para, sem sacrificio, ali poder permanecer durante os mais longos espectaculos. Nos teatros há «restaurantes» e, durante os numerosos intervalos, come-se, bebe-se, fuma-se. Os espectadores mais economicos trazem farneis de casa. Comtudo, depois das scenas altamente dramaticas, todos se conservam silenciosos, como compenetrados da dôr cujo espectaculo viram.

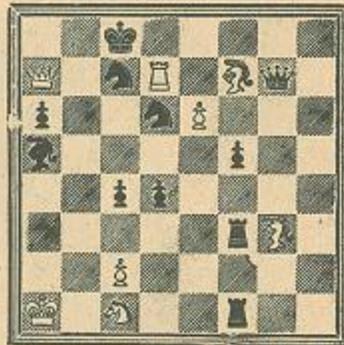
O scenario é geralmente movel em tôrno dum eixo e, a um sinal do maquinista, apresenta ao publico um aspecto diferente.

Para chegarem ao palco, os actores atravessam a sala sobre uma plataforma, o *hanamichi* ou «caminho de flôres», colocada á altura da cabeça dos espectadores que, entusiasmados, saudam os seus *yakusha* favoritos.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMAS N.º 89 e 90

Por S. Loyd

Pretas (11)

(Brancas (8)

As brancas (Pr. 89) ou as pretas (Pr. 90) jogam e dão mate em quatro lances.

OBS.: Tratando se de uma composição de fantasia, as soluções afastam-se do rigor que habitualmente se verifica nos problemas serios.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 87

1 D. 5 T R

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Vicente Mendonça e Maximo Jordão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 88

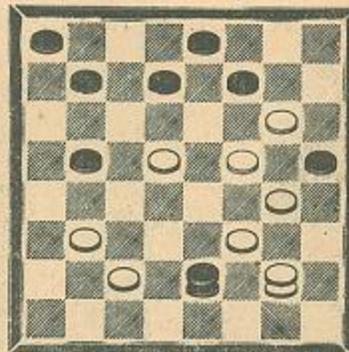
1. D. 3 C D, C × D; 2 C. 3 B D ÷
R. 5 R; 2 D 3 R ÷
D. 6 B; 2 D. 4 T
T. 6 C; 2 T. 5 B ÷ d
T. 2 B; 2 C. 3 R ÷
C. 2 R; 2 T. 3 B ÷ d

e algumas variantes.

Solução do problema n.º 88

	Brancas	Pretas
1	23 27	30-23 32
2	8-11	15-8
3	4-11-20-27	32-23
4	9-14	18-9-2
5	1-6	2.9
6	13-2-16-30-2	
	Ganha	

PROBLEMAS N.os 89 E 90

Pretas 1 D e 7 p.

Brancas 1 D e 7 p.

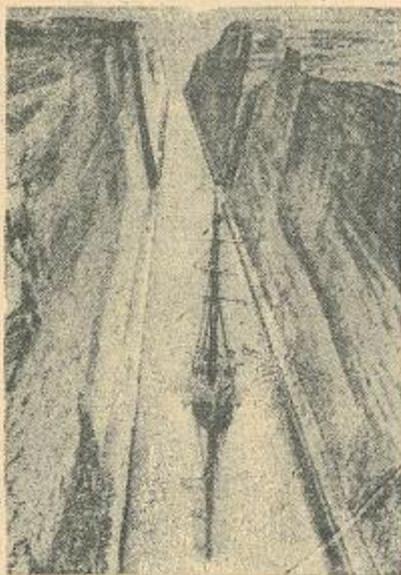
Problema n.º 89—As Brancas jogam e ganham.
Problema n.º 90 As Pretas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 87, os srs. Aleixo Cunha (Coimbra), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), Neulame, Kalu. Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado num bilhete postal, sem assignatura, vendo-se apenas, pelo carimbo do correio, que foi remetido de Arcos de Valdevez,

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

Actualidades gráficas

O CANAL DE CORINTO, NA GRECIA

Parecendo um grande trabalho de engenharia, não é mais do que um maravilhoso producto da natureza.

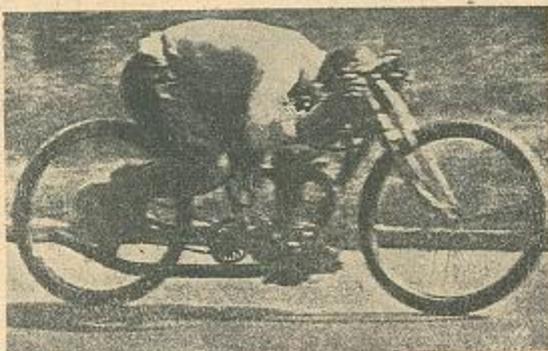
ARVORE GIRAFA

Curiosissimo exemplar da flora da California

RUY CHIANCA

O grande dramaturgo da «Aljubarrota» e do «D. Francisco Manoel» está de novo entre nós. E'-lhe oferecido hoje um grande banquete de homenagem a que o Domingo *se associa de todo o coração. Ruy Chianca merece, como portuguez de lei e como escritor de Raça, todas as manifestações de apreço.*

OS REIS DA VELOCIDADE

A estranha maneira como o grande corredor Temple cavalga o seu «cavalo de aço» para atingir as suas formidaveis medias.

A VOLTA AO MUNDO EM MOTOCICLETA

Mr. J. P. Castley, (×) sub-editor da revista ingleza («The Motor Cicle»), Mr. B. H. Catrick, (×) corredor de grande fama no Reino Unido, na sua passagem por Anadia.

VII PORTO-LISBOA

A corrida Porto-Lisboa em bicicleta despertou grande entusiasmo e foi uma bela prova de resistencia. Um Peugeot 5 cavalos, guiado pelo esplendido mecanico Mata acompanhou os concorrentes.
Chegada á meta do primeiro classificado

O DOMINGO ilustrado

PUBLICIDADE

Deite os remedios fóra

PARA TER SAUDE, BEBA SÓ

Aguas de Castelo de Vide

a melhor agua medicinal de mesa em garrafões de 5 litros
Alivio imediato nas doenças de

Estomago, Intestinos e Figado

Pode ser tomada com vinho ás refeições como excelente bebida

Empreza das Aguas Alcalinas Medicinaes de Castelo de Vide

RUA DO ALECRIM, 73

Tel. 4166 C. DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIO

PEÇAM

ESTRELLA

A melhor

das cervejas

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

"LINFATINA"

Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «LINFATINA»—Nobre Sobrinho.

DEPOSITO

Teixeira Lopes & C.ª Ltd.

45, Rua de Santa Justa, 2.º
LISBOA

Grande Ourivesaria Joalharia

DE

JOAQUIM NUNES DA CUNHA

Rua da Palma, 100 a 106 e Rua Martim Moniz, 27

Telefone N. 2924

Grande e variado sortimento de joias em todos os estilos, antigas e modernas com ou sem pedras preciosas e pratas artisticas, que vende barato. Compra por alto preço, brilhantes grandes, esmeraldas, safiras e rubis orientaes e perolas. Moedas antigas em ouro e prata. Cautelas dos Montepios Geral e Comercial, e tudo que seja antigo na Ourivesaria. — CUNHA DAS ANTIGUIDADES.

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos

O Cego da Boa Vista

BARROS & SANTOS

RUA DO OURO, 234 A 242

ENORME SORTIDO DE
ARTIGOS DE CAMISARIA
TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA
ATOALHADOS, MALAS
E ARTIGOS DE VIAGEM
CHAPELARIA, ETC., ETC.

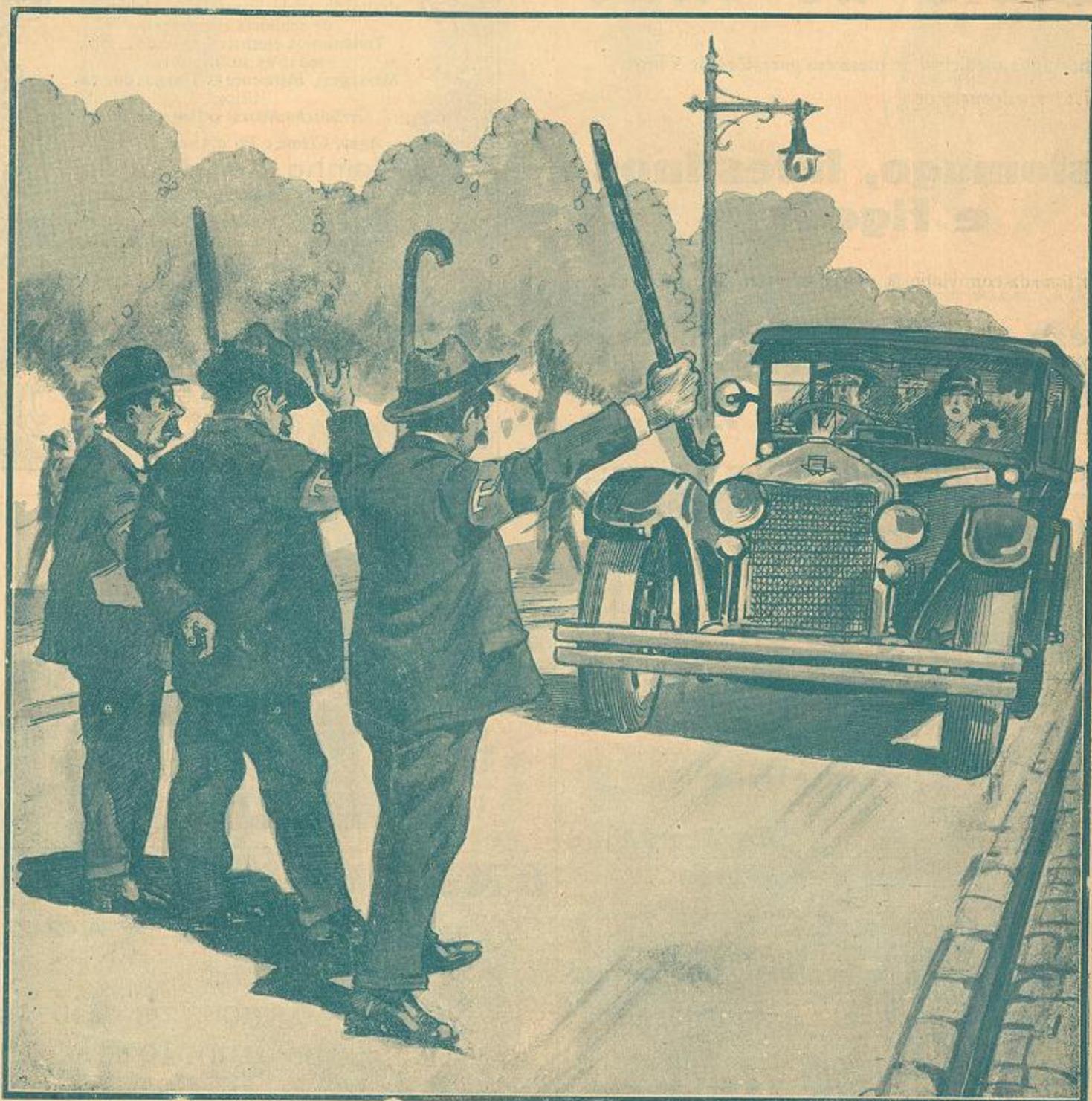
SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO
ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
[illegible] — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO [illegible] SEMESTRE [illegible]
ESTRANGEIRO
ANO [illegible] SEMESTRE [illegible]

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES

"OS HOMENS DO BRAÇAL AZUL"

Eis uma vergonha e um vexame, que é preciso acabar em Lisboa A caça á multa em plena cidade tornou-se uma scena, alem de injusta, deprimente e impropria duma capital. (Vêr noticia dentro).